

# Professor@s e Eros\*

---

## *Teachers and Eros*

Deborah P. Britzman\*\*

The Great Question before us is: Are we doomed? The Great Question before us is: Will the Past release us? The Great Question before us is: Can we change? In Time? [...] And *Theory*? How are we to proceed without *Theory*?

Tony Kushner, *Angels in America: Part II: Perestroika*<sup>1</sup>

### RESUMO

Professores/as são testemunhas do fantástico mundo da sexualidade. Esse artigo explora a centralidade de Eros para a educação e estabelece uma relação entre o desejo do/a professor/a e os acontecimentos emocionais da relação própria relação aluno/professor. Eu proponho que o aprendizado deva envolver nosso “eu” erótico, além das nossas fantasias. Mas esta perspectiva requer que professores/as considerem uma psicologia do amor como um caminho principal para a as situações emocionais de Eros. Na sua conclusão este trabalho sugere uma pedagogia que dê as boas vindas tanto à homossexualidade como a heterossexualidade como expressões humanas do amor.

*Palavras-chave:* psicologia do amor; Eros; heterossexualidade; homossexualidade; liberdade sexual.

\* Tradução: André Duarte. Revisão: Maria Rita de Assis César.

\*\* Distinguished Research Professor. Faculty of Education, York University. Toronto, Ontario - Canada. e-mail: britzman@edu.yorku.ca

<sup>1</sup> A grande questão diante de nós: estamos condenados? A grande questão diante de nós: o passado nos libertará? A grande questão diante de nós: podemos mudar? No tempo? ... E a *Teoria*? Como proceder sem a *Teoria*? Tony Kushner, *Angels in America: Parte II: Perestroika*.

## ABSTRACT

Teachers bear witness to the wondrous world of sexuality. This essay explores the centrality of Eros to education and links the teacher's desire to the emotional situation of the student/teacher relationship. I propose that learning involves our erotic selves and our fantasy life. But such a view requires that teachers consider a psychology of love as lending insight into the emotional situation of Eros. The paper concludes by suggesting a pedagogy that welcomes homosexuality and heterosexuality as human expressions of love.

*Keywords:* psychology of love; Eros; heterosexuality; homosexuality; sexual freedom.

Procedemos por meio de Eros para oferecer uma resposta provisória às questões dramatizadas pelo dramaturgo Tony Kushner (1993), cuja peça em duas partes cobre os anos iniciais da pandemia da AIDS. Este poder do amor significa sem garantias, poder vincular-se a qualquer coisa, perde-se facilmente e faz-se urgente face às nossas grandes questões. O desejo transmite ao outro seus mistérios, fissuras, loucura, fragilidades e vulnerabilidades carregados pela questão “como eu amarei?”. Sem nossa libido, nós, criaturas eróticas, não teríamos razão para pensar, para fantasiar, para sonhar, para nos apaixonar por pessoas e ideias, e para estender a mão para os outros. Estes eventos criativos da curiosidade compõem nossa sexualidade e paixão, expressas inicialmente pela condensação de relações de objeto e, então, surpreendidas por nossa escolha de objeto. Não podemos prever se nossa escolha será homossexual, heterossexual ou bissexual. E, francamente, o desejo não se importa com tais categorias. Nem podemos dizer o que significarão tais escolhas ou nossas preferências sexuais durante o curso de nossas vidas. Mas podemos dizer que Eros trabalha para reunir tudo o que queremos com tudo que tememos perder. De fato, sentimentos de amor que se vinculam a um objeto trazem consigo angústias quanto à perda do amor. Neste sentido, Eros é o grande unificador: sua finalidade é reunir coisas distantes, um tônico contra a capacidade destrutiva do ódio, destinado a romper as coisas e a tornar o mundo sem valor e desprovido de sentido. E a base do modo como pensamos é esta capacidade erótica de unir e empreender unidades maiores, tendo em vista unificar pedaços disparatados da experiência, a fim de reparar aquilo que fragmenta nosso mundo. Sob tal perspectiva, Eros, um desígnio da sexualidade, é o começo da educação e um anúncio de nosso potencial.

Dado que a educação é o lugar em que nos ocupamos com a criação de novo conhecimento como material para o vir a ser do eu, meu primeiro argumento é que ela nos impõe compreender, com espetacular sensibilidade, a realidade irônica de que o aprendizado envolve nosso eu erótico e nossa vida imaginativa.

Meu segundo argumento é que Eros sobrecarrega o aprendizado na medida em que realidade e imaginação frequentemente são vistos como contrários, e posto que há pressão para nos adequarmos ao modo como o mundo é revelado. Tais limites nos levam a um problema central: aquilo que pode parecer acidental na educação, uma força que pode torná-la mais incerta, é na realidade um efeito de nosso desejo por educação. Precisamos de nossas grandes questões. Estas impressões do amor constituem meu começo: naquilo que se segue, vínculo a força de Eros ao mundo dos professores para sugerir que se o professor é o guardião do coração e da mente do estudante, então a abertura de horizontes do professor, feita de sua disposição para ser afetado pelas vidas dos outros, é nossa melhor fonte pedagógica e a mais difícil de sustentar.

Minhas reflexões sobre Eros provem de meu trabalho como psicanalista com experiência clínica e como professora universitária no campo da educação. Chama-me a atenção o quanto os temas do amor e do ódio vem de histórias da educação. Tanto a psicanálise quanto a educação constituem mundos intersubjetivos, tornados importantes por nosso interesse em questionar o modo como as coisas são, por meio de nossas esperanças mais profundas por algo mais. Este mundo combinado da psicanálise e da educação reside na situação emocional do aprendizado, que, em si mesmo, é o problema relacional de tentar pensar com os outros a respeito do mundo interior, de tal maneira que ambas as partes sintam-se à vontade e envolvidas. Onde estes mundos se apartam um do outro entra a ética psicanalítica da neutralidade, que significa ouvir sem alegar saber antecipadamente o que ocorrerá ou deverá ocorrer a seguir. Suspender o juízo moral para tornar-se curioso a respeito do desconhecido é um outro modo de descrever a escuta neutra. Na perspectiva psicanalista, o desejo de antecipar o sentido antes que ele tenha sua oportunidade indica ansiedade e frustração. Colocar as coisas em palavras, buscar significado e mudar o próprio sentido do eu e do mundo também traz preocupações a respeito de como os novos sentimentos e pensamentos são recebidos. Visto que aprendemos antes de compreender e que usualmente começamos no mal-entendido, sentimentos de ansiedade e frustração também são uma parte do trabalho com outros. No entanto, o que reúne estes contextos de prática, aquilo que eles têm em comum, é a questão de Eros, que se torna dramática por nossas atitudes e fantasias acerca daquilo que é mais inexplicável quanto ao desejo sexual. A psicanálise nos ensina que toda educação é uma situação emocional.

Tenham em mente dois fatos. De um ponto de vista emocional, cada um de nós retem e exala a história inconsciente de nossas posturas quanto à sexualidade e esta história se inicia com a natalidade, ou, como somos cuidados e amados em nosso mais extremo desamparo e dependência. Os professores, que foram crianças na escola, trazem essa história infantil esquecida para as salas de aula

e velhos conflitos de infância retornam como se nunca tivessem partido e como se nada tivesse mudado (BRITZMAN, 2009). O filósofo Michel de Certeau compreende nosso encontro com qualquer história por meio de sua negação:

Se, por um lado, a função da história expressa a posição de uma geração em relação às precedentes ao afirmar, “Eu não posso ser isto”, então ela sempre implica a afirmação de um complemento não menos perigoso, forçando uma sociedade a confessar: “Eu sou outra do que desejo ser e sou determinada por aquilo que eu nego” (CERTEAU, 1986, p. 27).

No interior de cada geração, esta cisão entre o que se é e o que não se pode ser confere à nossa ansiedade uma qualidade paranoica e uma tendência a cindir o eu e o outro em bom e mau. Deste fato emocional provem o estranho acontecimento da resistência a Eros. O segundo fato traz a história íntima para a cultura: os redemoinhos dos acontecimentos exteriores mudam as posturas prévias a respeito da sexualidade. Visto que a história íntima está sujeita ao desejo do outro e que a história cultural está orientada para procedimentos da linguagem, estas duas histórias conferem à sexualidade os fatores adicionais da fluidez, da estranheza e da diferença radicais.

A escolarização é o lugar em que estas dimensões de histórias se encontram e competem, causando uma confusão do tempo. O que era impensável para uma geração, a mais nova assume como dado. Os professores devem encarar uma geração de estudantes que não conhecem a sexualidade sem um mundo de AIDS, famílias gays e lésbicas, orgulho gay, fertilização *in-vitro*, controle de natalidade, direitos dos transexuais, *websites* de informação que excedem o conhecimento baseado na escola e rompem todo monopólio acerca da visão de mundo. A geração que aguarda pelos professores não conhece um mundo sem internet, telefones celulares, direitos civis de gays e lésbicas e o emprego da tecnologia para tornar público e fazer circular eventos por todo o mundo com grande velocidade. A ideia de uma sexualidade ‘no armário’ é agora um segredo aberto. Em discussões educacionais, aquilo que principalmente os professores universitários gays denominam como teoria *queer*, um meio original para criticar hierarquias sexuais e teorias que excluem Eros, encontra-se em sua terceira geração. A teoria *queer* está mais interessada em questões de afeto e formação do eu que persistem mesmo em situações que negam a mudança. Estes dois fatos, o emocional e o cultural, trazem novas condições para pensar o alcance de Eros e a duração da educação. E esta cena contemporânea do fazer, sempre em construção, exige que os professores pensem para além de seu próprio tempo

e ultrapassem aquilo que eles já conhecem.

E, contudo, muito tipicamente, se é que a homossexualidade é realmente discutida, as abordagens educacionais estão atoladas em descobrir estereótipos. Há uma tendência a fazer colidir a situação emocional da homossexualidade com relatos de homofobia, violência, ódio e preconceito legalizado: barreiras culturais que recusam o trabalho de Eros e que, muito frequentemente, comprimem nossa capacidade de relacionar nosso direito de amar com nosso desejo por prazer e conhecimento, os quais constituem elementos para a liberdade da imaginação de qualquer um. Essa abordagem apática traz consigo muitos problemas, o mais importante sendo o de que a homossexualidade ainda é considerada uma anomalia ou uma exceção em relação à sexualidade normal. Não se fala do amor homossexual, principalmente evitado. A velha ordem hierárquica é mantida por meio de um discurso da tolerância que confirma a intolerância. Acrescente-se a isso a ideia de que, sob qualquer forma, há um medo da sexualidade; Eros como nossa situação emocional original nos leva a experimentar grande quantidade de ansiedade e defesa. A sexualidade é nossa experiência emocional original e impulsiona nossas relações para com os outros. Minha abordagem para tais condições do coração repousa sobre uma psicologia do amor, elaborada, sobretudo, no campo da psicanálise. Para me fazer clara: professores não precisam ser psicanalistas, mas precisam tomar o lado de Eros, que os envolve inevitavelmente em suas próprias situações emocionais, tornadas urgentes quando o Eros deles encontra-se com o outro. Derrida (1994, p. 65) chama este encontro de “uma hospitalidade sem reservas”, ou uma hospitalidade que envolve a aceitação da incerteza sem ter de expulsar o desconhecido com frustração e ignorância.

Admitamos que os professores testemunham o fascinante mundo da sexualidade.

Informalmente, são chamados para reconfortar corações partidos, para proporcionar palavras que contenham o redemoinho de sentimentos incipientes, para decifrar a mensagem confusa que faz cambalear para trás os sentimentos de mágoa, e mesmo quando se lhes pedem conselhos sobre o amor ou quando se deparam com exigências por amor, trabalham para manter a solidão adolescente em suas mentes. Eros é este chamado fugaz por empatia e compreensão. A psicanálise propõe que desde o começo de nossas vidas nós aprendamos do amor: primeiro aprendemos em troca do amor do outro e do seu reconhecimento e apenas gradualmente começamos a amar o aprendizado por causa de Eros. A natureza desses acontecimentos, entretanto, é conduzida com frustração, posto que nem o reconhecimento nem a aprendizagem procedem sem conflito. O psicanalista Wilfred Bion, conhecido por suas teorias do conhecimento, apresenta nossas perplexidades:

se o aprendiz é intolerante quanto à frustração essencial do aprender ele cede a fantasias de onisciência e à crença em um estado em que as coisas são conhecidas. Saber algo consiste em “ter” alguma “parte de” conhecimento e não naquilo que eu chamei K. [...] Ou “saber” no sentido de “estar a caminho de saber algo” (BION, 1994, p. 65).

Bion propôs que o conhecimento – aquilo que ele chamou de “K”, refere-se à capacidade de tolerar emoções sem expulsar a frustração e culpar os outros. K é o conhecimento da vida emocional.

Todavia, posto que o aprendizado começa na frustração, esta trajetória do conhecimento põe uma grande responsabilidade sobre o professor, uma figura que se encontra entre os polos do aprender por amor e o amor pelo aprender. De meu ponto de vista, a educação do professor é feita a partir de seu interesse em aceitar as vicissitudes do amor, de seu vínculo impulsivo para com o conhecimento, do encontro do prazer nas palavras e de seu desejo de comunicar. Os professores devem saber que o coração que bate também se quebra. E os riscos deste conhecimento nos levam ao principal problema psicanalítico: os professores podem servir tanto como depressivos ou como antidepressivos educacionais.

Este frágil saber de Eros, tão vinculado a uma abordagem reflexiva da sexualidade, compõe nossa educação; ele se encontra entre as linhas de nossos manuais de instrução, regras escolares, livros curriculares e preconceitos culturais, encontrando-se ainda com a pressão profissional na crença de que professores não tem tempo para estes absurdos e suas revoltas. Ainda pior, a influência dos preconceitos, das opiniões mal formadas, o medo e o ódio formados a partir de pensamentos supersticiosos, pode barrar a humanidade do professor e dissolver o outro. De algum modo, quando se trata da questão do amor e da sexualidade, nossa ansiedade, nossas defesas e fantasias diminuem a imaginação que concede graça ao encontro do desconhecido. Tampouco há um caminho para preparar-se para o acontecimento do amor: Eros dispara as setas do amor às cegas. E, todavia, a humanidade do/a professor/a – seu desejo pelos vínculos libidinais que o sentido invoca – é convocada antes que o professor possa responder. Do mesmo modo como pedimos a nossos estudantes que leiam por entre as linhas e tomem prazer por interpretar o sentido, igualmente os professores devem cultivar seu desejo pelo amor em um amor do aprender.

Em suas *Reflexões sobre a psicologia do escolar*, Freud (1914, p. 242) descreveu a exaltação desta outra cena, os usos libidinais do professor pelos alunos:

Nós os cortejavamos ou dávamo-lhes as costas, imaginávamos simpatias e antipatias neles que, provavelmente, eram inexistentes, estudávamos seu caráter sobre o deles formávamos ou deformávamos o nosso próprio. Eles despertavam nossa oposição mais ferrenha e nos forçavam à mais completa submissão; nós escrutávamos por entre suas pequenas fraquezas e nos orgulhávamos por sua excelência, seu conhecimento e sua justiça. No fundo, sentíamos uma grande afeição por eles se nos dessem qualquer motivo para isso, embora eu não esteja seguro a respeito de quantos dentre eles sabiam disso.

Da reminiscência de Freud nós chegamos àquilo que é mais impressionante a respeito da sexualidade: ela nos dá nossa curiosidade, o desejo de conhecer e nossos empenhos pelo outro. E não há fundamentos para isso, pois a imaginação do professor é o meio dos alunos para aprender pelo amor. Nós, criaturas eróticas, queremos saber a respeito do outro, não a partir daquilo que eles fazem, mas a partir dos meios pelos quais eles/as revelam aquilo pelo que se importam, aquilo que eles/as amam. A palavra especial para tais acontecimentos emocionais, ou o modo pelo qual escrevemos a assinatura do aprendizado, é “a transferência”. Ao projetar nossos desejos no mundo nós nos entregamos ao saber e à autoridade do outro em nossa esperança por seu reconhecimento, amor e laços afetivos. Tudo isso cresce a partir do impulso da sexualidade, a razão do pensar, do ser e do fazer. Uma definição tão ampla da sexualidade certamente pertence ao campo da psicanálise. Vejamos mais de perto porque uma abordagem gerativa da sexualidade, considerando a vantagem da liberdade na escolha do objeto, nos permite relacionar a educação à nossa criatividade, liberdade e imaginação.

Os/as estudantes parecem saber com quem falar, mas cada um/a fantasia a respeito da vida amorosa do/a professor/a. A investigação sexual está no ar e uma boa dose de gargalhadas provém de duplos sentidos, atos falhos e bilhetinhos de amor que caem nas mãos erradas. Há desapontamento, ciúmes e agressões narcísicas produzidas por um olhar reprovador, pelo suspiro ignorado e pela insegurança da questão. E toda essa vida emocional agora é tornada ainda mais premente pela tecnologia dos telefones celulares, emails, círculos de internet, mensagens de textos, por imagens cada vez mais gráficas de *pop stars*, filmes, novelas de televisão e pelo sexo na internet. Estes significantes tornam ainda mais aguda a grande e terrível questão que os adolescentes perguntam: eu sou normal? Os professores são chamados a interpretar essa pergunta, pois o medo é o de que se seja louco. É como se dois mundos estivessem ocorrendo ao mesmo tempo: o negócio sério do currículo transmitido pelo professor e os corpos que importam ou não importam na sala de aula.

Existem muitos relatos a respeito da sexualidade gay e, atualmente, graças aos escritos de Michel Foucault (1980), chegamos à ideia de que também há uma história do discurso dando suporte a cada relato que inclui como as proibições contra a sexualidade se transformam no desejo de transgredi-las e criar novas identidades e prazeres do eu. Também sabemos que o estudo dessas histórias e relatos não é facilmente aceito, nem como instruções acerca do aprendizado da vida, nem enquanto fatos da existência. Na realidade, o relato típico diz respeito aos modos pelos quais gays, lésbicas e transexuais são mal compreendidos, depreciados e mesmo odiados. Do mesmo modo como cada um tem fortes sentimentos a respeito da educação, visto que todos foram crianças que tiveram que crescer na escola, igualmente, as pessoas tem fortes sentimentos a respeito da sexualidade, visto que todos estão sujeitos às relações eletrificadas e às preocupações quanto à perda do amor. Tanto a educação quanto a sexualidade são situações emocionais; cada uma delas vem a ser pelas demandas por amor, reconhecimento e liberdade, e cada uma tem grande papel no desenvolvimento da mente. Talvez sejam necessários argumentos não usuais para deslocarmos-nos rumo à vida gay.

Gostaria de concluir desenvolvendo dois argumentos que podem abrir o pensamento a respeito de uma educação imaginativa e hospitaleira, que torne bem vindas as grandes questões. Em primeiro lugar, há uma íntima relação entre a aquisição da alfabetização e a liberdade sexual. Artistas, músicos, poetas, diretores de cinema e escritores criativos já sabem disso, mas estudantes e professores podem necessitar de maiores oportunidades para jogar com esse arquivo de Eros. A identidade gay frequentemente prossegue com viagens à biblioteca e agora à internet. Precisamos saber que há relatos que acolhem nossas questões e que, em meio a preocupações profundas quanto à solidão, outros nos emprestam suas palavras. Esta realidade virtual ou textual cria laços libidinais e garante a imaginação em comunidade. Este primeiro argumento põe grande responsabilidade sobre os professores, pois eles devem crer no poder da alfabetização como um significante que contribui para a capacidade da mente para a liberdade e para a interpretação.

Meu segundo argumento é que mesmo quando alguém aprende a ser gay, não há direções a seguir e, de fato, qualquer direção estragará a aventura. Eve Sedgwick (1993) imaginou o que teria de ser pensado para escrever um manual para os pais, chamado “Como educar seus filhos como gays”. Ela argumentou que há muitas pessoas no mundo que querem pessoas gays em suas vidas, as quais seriam empobrecidas simbolicamente sem qualquer conhecimento a respeito de pessoas gays ou lésbicas, pessoas que se dedicam a compreender porque o conhecimento é empregado como arma para empobrecer nossa capacidade de pensar a partir de nossa humanidade. Ela se imaginou falando para pais de



gays e lésbicas, para crianças que podem ser gays ou lésbicas, e para aqueles que são parte desse mundo. Neste manual, ela se propôs uma simples questão: o que significa acolher pessoas gays neste mundo? As ideias de Sedgwick se originaram de duas insistências ontológicas: primeiro, que a sexualidade é um atributo humano da diversidade e, segundo, que a diversidade humana das preferências sexuais ou estilos de amar e modos de ser são um fato da vida. O subtítulo de seu texto, “a guerra contra os meninos afeminados”, nos leva a uma crítica da literatura médica e psiquiátrica e sua insistência de que “homens homossexuais sadios” ou “mulheres lésbicas sadias” devem abraçar um modelo de masculinidade e de feminilidade que os tornem indistintos dos heterossexuais. Garotos femininos e meninas masculinas são vistos na literatura psiquiátrica como “distúrbios de gênero” e não como uma outra expressão de gênero. O que ocorre nessa confusão é a má suposição de que há uma progressão natural do gênero para a escolha do objeto. E, no entanto, se nos voltamos para a perspectiva psicanalista, não há nada que siga naturalmente de nossa sexualidade, dada a questão inconsciente do desejo. Sedgwick (1993, p. 163) escreve que “[...] na era pós-moderna torna-se cada vez mais problemático assumir que fundar uma identidade na biologia ou na ‘natureza essencial’ é um meio estável de isolá-la da interferência social”. Enquanto confinarmos a homossexualidade numa causa ou numa origem, nossas teorias da sexualidade excluem Eros. Os debates a respeito da natureza e da cultura em que a homossexualidade parece ser apanhada, ou as questões a respeito do que causa a sexualidade, apenas nos trazem perspectivas enviesadas que fragmentam o desejo. Experimente perguntar a grande questão: do que se defende a ansiedade da normalidade? Por que, quando se trata de qualquer sexualidade, as medidas da normalidade e da doença são pensadas como as únicas escolhas? Em termos psicanalíticos, querer saber a respeito da sexualidade é uma manifestação da atividade intelectual que repousa sobre nosso Eros. É nossa primeira forma de investigação e indica um empenho em saber, um desejo pelo conhecimento e uma esperança pelo eu e pelo outro. Nós, humanos, desde o começo de nossas vidas, somos criaturas eróticas impulsionadas pela sexualidade, ansiando pelo amor. Ignorar esta condição diminui a humanidade do professor, tanto quanto confina os estudantes numa preocupação terrível a respeito de como ser normal. Que aprender e ensinar também expressam e dependem da elaboração da sexualidade, e que mesmo a demanda para sublimar ou redirecionar a sexualidade para fins sociais emerge do desejo de ser amado e de ter o objeto amado, este é o legado da educação. Mas este é também o modo pelo qual a educação transforma: como afirma o psicanalista Michael Balint (1957, p. 20), “formas efetivas de vida sexual, da sociedade e da educação são intrinsecamente interdependentes: é impossível mudar uma sem mudar todas as três”.

## REFERÊNCIAS

BALINT, Michael. *Problems of Human Pleasure and Behavior*. NY: Liveright, 1957.

BION, Wilfred. *Learning from Experience*. Northvale, N.J.: Jason Aronson, 1994.

BRITZMAN, Deborah P. *The Very Thought of Education: Psychoanalysis and the Impossible Professions*. Albany: State University of New York Press, 2009.

CERTEAU, Michel de. *Heterologies: Discourse on the Other*. Translated by Brian Massumi. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1986.

DERRIDA, Jacques. *Politique de l'amitié*. Paris: Galillé, 1994.

FOUCAULT, Michel. *The History of Sexuality: Volume 1, an Introduction*. Translated by Robert Hurley. NY: Vintage Books, 1980.

FREUD, Sigmund. Some reflections on Schoolboy psychology. *Standard Edition*, v. 13, p. 241-244, 1914.

KUSHNER, Tony. *Angles in America: Part I: Millennium Approaches. Part II: Perestroika*. New York: Theatre Communications Group, 1993.

SEDGWICK, Eve. Kosofsky. How to bring your kids up gay: The War on Effeminate boys. In: \_\_\_\_\_. *Tendencies*. Durham: Duke University Press, 1993. p. 154-164.

Texto recebido em 03 de junho de 2009.

Texto aprovado em 10 de julho de 2009.